

Mariana Moretto Gementi

Análise das fricativas em posição de coda nas *Cantigas de Santa Maria*



Araraquara
2010

Mariana Moretto Gementi

Análise das fricativas em posição de coda nas *Cantigas de Santa Maria*

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Letras.

Banca Examinadora

Orientador(a): Prof^a. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Examinador(a) 1

Nome:

Instituição:

Examinador(a) 2

Nome:

Instituição:

Araraquara, 01 de dezembro de 2010.

Gementi, Mariana Moretto

Análise das fricativas em posição de coda nas *Cantigas de Santa Maria* / Mariana Moretto Gementi – 2010

37.f

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara

Orientador: Gladis Massini-Cagliari

*À minha mãe, pelo esforço, pela dedicação e pela
compreensão, em todos os momentos desta e de outras
caminhadas. Pelo seu amor incondicional.*

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus - o que seria de mim sem a fé que tenho n'Ele?

Agradeço também aos meus pais, Luiz Antônio Gementi e Maria Izabel Moretto Gementi, que, com muito amor, carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até essa etapa de minha vida. A você, mãe, um obrigado especial, por ter sido, durante todos esses anos de minha vida, meu espelho e meu apoio, por guiar-me nas escolhas e me possibilitar a descoberta do fantástico mundo das Letras.

À minha irmã, Marina, pelo companheirismo, pelas risadas e por tudo que já passamos juntas.

À família Moretto, meus tios e primos, por ser uma família unida e acolhedora, sempre confiando e me apoiando nas escolhas. Um obrigado especial aos meus avós, Joaquim Moretto e Luzia Rossi Moretto, por terem cuidado de mim e dado toda a atenção necessária quando criança.

Aos meus avós paternos, Antonio Gementi e Tereza Maurício Gementi, que sempre incentivaram muito meus estudos, dizendo que através deles eu poderia “ser alguém na vida”.

Aos meus “pais portugueses”, Rui Cunha e Maria Rita Cunha, que me acolheram filialmente, durante os seis meses em que estive em Aveiro - Portugal. Com eles, pude contar em todos os momentos, além de apresentarem a mim lugares magníficos de Portugal.

Um obrigado especial à minha orientadora, Prof^a Dr^a Gladis Massini-Cagliari, por ter sido minha mãe-acadêmica. A ela, dedico todas as minhas conquistas acadêmicas, todo o tempo de orientação e toda paciência. Agradeço também aos momentos alegres e descontraídos de nossas reuniões e à toda sua sabedoria, que me deixa vivamente incentivada à vida acadêmica.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, pela confiança e pelo apoio. Foi ele quem me indicou à Prof^a Dr^a Gladis Massini-Cagliari e apostou em meu futuro acadêmico. Agradeço ainda pelos seus conselhos, suas opiniões sábias e sua alegria contagiante em nossos grupos de estudos.

Agradeço a todos os meus amigos, por serem minha alegria. Em especial, a Larine Bueno e ao José Rodolfo Corradini Tolino, Savana Benjamin e Aline Martins Pereira, pela confiança e por todos os momentos juntos. A Mariane Carvalho, Natália Pedroni Carminati e

Patrícia Magazoni, por me acolherem e pela convivência no mesmo “lar”, pelos estudos e pela amizade.

Agradeço também aos meus amigos lusitanos, os quais me propuseram momentos inesquecíveis e amizades douradoras.

Agradeço ainda ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – que possibilitou diretamente o crescimento de meu conhecimento, através do financiamento de participações em congressos, compra de livros, dentre outros feitos. Foram concedidas duas bolsas de Iniciação Científica, sendo a primeira, dentro do Programa PIBIC-CNPq, com vigência de 01 de março de 2010 a 31 de agosto de 2010, e a segunda, também concedida pelo CNPq/PIBIC, com vigência de 01/09/2010 a 28/02/2011 (processos 102753/2010-5 e 118097/2010-5).

Sumário

Análise das fricativas em posição de coda nas *Cantigas de Santa Maria*

Introdução	Erro! Indicador não definido.	9
1 Delimitação e metodologia		9
1.1 Dados e coleta de dados.....		9
2 Fundamentação Teórica		10
2.1 O Português Medieval.....		10
2.2 <i>Cantigas de Santa Maria</i>		11
2.3 Formas métricas das <i>Cantigas de Santa Maria</i>		14
2.4 Rima, sílaba, <i>coda</i>		15
2.5 Noções básicas de fonologia estruturalista		16
2.6 As fricativas no sistema consonantal do Português Brasileiro atual...		19
3 Consoante fricativas do Português Arcaico		22
4 As fricativas nas Cantigas religiosas		24
4.1 Análise dos resultados		33
5 Conclusão.....		34
REFERÊNCIAS.....		36

Resumo

O presente estudo tem como objetivos principais o mapeamento e a análise das fricativas em posição de coda silábica nas cantigas religiosas galego-portuguesas de Afonso X, o rei Sábio. Será considerado como objeto de estudo o sistema consonantal do PA, especificamente no que concerne às fricativas. A abordagem inicial dos dados, para estabelecer se há ou não oposição entre os sons representados pelos grafemas focalizados, será tomada a partir do modelo estruturalista (CAGLIARI, 2002). Dessa forma, a elucidação de algumas características do passado lingüístico do português poderá contribuir para esclarecer fatos da sua estrutura atual.

Palavras-chaves: Fricativas, Português Arcaico, Cantigas medievais galego-portuguesas, *Cantigas de Santa Maria*.

Abstract

The present study has as main objectives the mapping and the analysis of fricatives in coda position in Galician-Portuguese religious songs of Alfonso X, the Wise King. The consonant system of BP, specifically with respect to fricatives, will be considered as object of study. The initial approach of the data, to establish whether there is opposition between the sounds represented by the focused graphemes, will be taken from the structuralism model (CAGLIARI, 2002). Thus, the elucidation of some characteristics of Portuguese linguistic background may contribute to clarify facts of its current structure.

Keywords: Fricative consonants, Archaic Portuguese, Medieval Galician-Portuguese *cantigas*, *Cantigas de Santa Maria*

Introdução

A presente monografia tem como objetivo fazer um estudo das codas silábicas possíveis em português arcaico, elucidando questões relativas à realização fonética de segmentos específicos, sobretudo as fricativas em posição de travamento silábico, representadas, na escrita, principalmente por <s>, <z> e <x>, nas cantigas religiosas medievais galego-portuguesas, as *Cantigas de Santa Maria* (CSM), mandadas compilar pelo Rei Afonso X de Castela, no último quartel do século XIII.

Na análise dos dados, nas *Cantigas de Santa Maria* (CSM), observa-se se as palavras que apresentam grafemas representativos de consoantes fricativas em posição de travamento silábico podiam rimar entre si ou não, estabelecendo se, naquela época, havia ou não oposição entre os fonemas representados por esses grafemas nesse contexto. Ou seja, a pesquisa investiga se, naquele momento, os processos de neutralização das fricativas em posição de coda existiam ou não no galego-português, para estabelecer se esses grafemas representavam sons de caráter distintivo ou não no contexto de travamento silábico.

A relevância deste trabalho reside, principalmente, na descrição da relação entre letras e sons com relação às grafias possíveis da lírica medieval, tema inexplorado no que diz respeito à consideração da posição da sílaba.

O fato de escolher as fricativas dá-se, primeiramente, pela grande produtividade no *corpus* das *Cantigas de Santa Maria* e, além disso, pelo fato de haver controvérsias quanto à consideração da oposição entre fricativas entre os autores que vêm estudando o assunto.

Portanto, a monografia visa analisar o sistema consonantal do PA, especificamente no que concerne às fricativas. A abordagem inicial dos dados, para estabelecer se há ou não oposição entre os sons representados pelos grafemas focalizados, será tomada a partir do modelo estruturalista (CAGLIARI, 2002).

1-Delimitação e metodologia

1.1- Dados e coleta de dados

A metodologia baseia-se na observação da possibilidade (ou não) de variação gráfica na representação das consoantes e na consideração da possibilidade (ou não) de rima entre essas palavras específicas para determinar sua possível realização fonética naquela época.

Como podemos observar, na vigésima terceira estrofe da CSM411, aparecem os seguintes versos: Tanto ll' esto mostraron | e per tantas razões, / que lles respos chorando: | "Pois que vos praz, varões, / farei vosso consello; | mais, por Deus, compannões, / guardade-mi os gãados | en aquesta mallada." Neste exemplo, encontram-se neste caso as palavras *razões/varões/compannões*.

Para a realização do estudo de análise das fricativas em posição de coda, o *corpus* considerado é composto das 420 cantigas religiosas medievais galego-portuguesas, as *Cantigas de Santa Maria* (CSM), mandadas compilar pelo Rei Afonso X de Castela, no último quartel do século XIII. Como *corpus* de suporte, é considerada a edição crítica de Mettmann (1986-1989). Foi utilizado também o *Rimario e Lessico in Rima delle Cantigas de Santa Maria di Alfonso X di Castiglia*, de Maria Pia Betti (1997).

2- Fundamentação Teórica

2.1- O Português Medieval

Silva Neto (1970[1957], p. 398, *apud* MASSINI- CAGLIARI, 2005, p.24), com base em Michaëlis de Vasconcelos (1912-13, p.19-20, *apud* MASSINI- CAGLIARI, 2005, p.24), subdivide o período arcaico em duas fases: a *fase trovadoresca*, do último terço do século XII até 1350, ou 1385 (data da batalha de Aljubarrota), que denomina de *galego-portuguesa*; a *fase da prosa histórica*, de 1385 até o século XVI. É, portanto, assim como o trabalho de Massini-Cagliari (2005, p.24), “à língua registrada no período unanimemente denominado de *trovadoresco* e situado entre o finalzinho do século XII e meados do século XIV que se dedica esta pesquisa”.

Segundo Ilari e Basso (2007, p.21), no século XIII, o galego- português foi usado como língua da poesia não só por trovadores portugueses como Dom Dinis – rei a partir de 1290 -, mas também por trovadores de outras regiões da Ibéria – por exemplo, Afonso X, o Sábio, rei de Castela. A importância do galego-português foi tanta que o rei castelhano Afonso X, o Sábio, escreveu as *Cantigas de Santa Maria* nessa língua.

Rosa Virgínia Mattos e Silva denomina o português arcaico como sendo o período histórico da língua portuguesa que se situa entre os séculos XIII e XV: “Os historiadores e filólogos que a esse período do português se têm dedicado são unânimes em situar seu início

nos princípios do século XIII, porque para isso têm uma razão explícita: é nesse momento que a língua portuguesa aparece documentada pela escrita” (MATTOS E SILVA, 2006, p.21).

Os textos mais antigos em galego-português datavam dos últimos anos do século XII; entretanto, estudos recentes, como o de Mattos e Silva (2006), mostraram que não foi exatamente nessa época, mas no começo do século XIII, que esses textos surgiram.

Segundo Teyssier (1987, p.22), o galego-português é a língua da primitiva poesia lírica profana peninsular, que foi conservada em três compilações, que foram organizadas nos tempos trovadorescos: *Cancioneiro da Ajuda*, *Cancioneiro da Vaticana* e *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Dentre essas compilações, deve-se acrescentar as *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o Sábio, escritas em galego-português, e que têm por base os falares da Galiza e do Norte de Portugal.

Nela se documentam arcaísmos notáveis, a atestarem que, para o seu público, esta literatura tinha um passado. Os autores são tanto galegos como portugueses. Entre eles encontram-se até leoneses e castelhanos. O galego-português, em suma, aparece nessa época como a língua exclusiva da poesia lírica, e quem quer que a quisesse praticar deveria, obrigatoriamente, adoptá-la. A assinatura de Afonso X, rei de Castela e de Leão de 1252 a 1284, junta-se assim, nos Cancioneiros, à de D. Dinis de Portugal, rei de 1279 a 1325. (TEYSSIER, 1987, p.23).

Massini-Cagliari (2007a, p.122) defende a idéia e demonstra que o galego e o português não são línguas diferentes, mas sim “uma e a mesma língua”. A autora, a partir da comparação entre as cantigas profanas (provenientes de Portugal) e as religiosas (provenientes possivelmente da Galiza), ressalta que essas duas vertentes são muito próximas em relação aos elementos prosódicos e que “as distinções linguísticas [...] não são de tipologia dos fenômenos, mas de frequência. Não havendo distinções tipológicas, não há diferença de sistema” (MASSINI-CAGLIARI, 2007, p.122).

Portanto, foram escolhidas as CSM como *corpus* deste trabalho, pois se encaixam no período delimitado do Português Arcaico, podendo ser consideradas um sobrevivente legítimo deste.

2.2- Cantigas de Santa Maria

As *Cantigas de Santa Maria* (CSM) são a maior coletânea medieval de poesias em louvor à Virgem Maria. O Rei de Castela, Afonso X, as compôs para cantar os feitos da Virgem, e ele próprio as mandou compilar no princípio dos anos sessenta do século XIII.

O conjunto das cantigas afonsinas é composto por 420 poemas marianos musicados, divididos entre cantigas narrativas ou de milagres, as quais contam os feitos milagrosos da Virgem Santa Maria, e cantigas líricas, de louvor à Virgem.

Nas cantigas de milagres, D. Afonso refere e agradece às curas de suas enfermidades, e também pode ser uma testemunha do fato miraculoso, ou, ainda, um conhecedor que dele teve notícia por leitura ou por ouvir dizer, como podemos observar no exemplo abaixo, o resumo da cantiga 7, de Ângela Vaz Leão (2007, p.26):

Uma abadessa, que não era benquista pelas monjas suas subordinadas, engravida-se de um homem de Bolonha. As monjas, alegres por isso, vão acusá-la ao bispo de Colônia (diocese a que pertencia o convento), que vem, em comitiva, apurar o fato *in loco*. Reunida a comunidade diante o bispo, que pede explicações à monja, esta permanece silenciosa no interrogatório. Depois, retira-se e vai orar à Virgem diante do altar, chorando. Aí começa o milagre: ela se deita e adormece profundamente. Durante o sono, é salva pela Virgem Maria, num parto miraculoso, operado por dois anjos do séquito mariano, que, como se vê pelas iluminuras (mas não pelo texto), depois levam o recém-nascido para ser criado fora dali, por um ermitão, certamente devoto da Virgem. A abadessa acorda e, imune assim às acusações das monjas, vai se apresentar ao bispo. Este, após determinar que ela se dispa, examina-lhe os seios desnudos e a isenta de culpa, dizendo que nela nada pode encontrar para acusá-la.

Além de ser um exemplo de cantiga de milagre, Ângela Vaz Leão explica que a partir deste milagre se pode avaliar a importância das *Cantigas de Santa Maria* como testemunho social da época, pois explica a vida num convento e, a partir disso, podemos pensar que as cantigas de milagre são uma valiosa fonte histórica para o conhecimento do viver e do morrer, das doenças e das calamidades, do jogo e da prostituição, dos ofícios e dos lazeres, das crenças e das religiões, da vida quotidiana e do imaginário popular, enfim de toda a cultura ibérica, na Idade Média (LEÃO, 2007, p.27).

As cantigas de louvor constituem a parte essencialmente lírica da coletânea, mostram sempre o Rei-trovador diante da Virgem Maria, exaltando-lhe as qualidades ou oferecendo-

lhe a sua devoção. Ângela Vaz Leão afirma que Dom Afonso X foi um apaixonado “trovador da Virgem”, pois, nas cantigas de louvor, o trovador da Virgem Maria tem um comportamento masculino semelhante ao das *cantigas d’amor*, pois mescla os ideais do amor cortês com os do Cristianismo, a mulher amada se sublima em Santa Maria.

Em sua maioria, as *CSM* contêm notação musical e todas são compiladas em galego-português por Afonso X. Além da notação musical, as cantigas contêm, também, *iluminuras* - desenhos miniaturizados que representam o conteúdo que está sendo narrado na respectiva cantiga. Abaixo estão algumas figuras para exemplificar:



Figura 1 - Afonso X, entre seus colaboradores, na miniatura de abertura do Códice Escorial rico (T).
Fonte: LEÃO (2007.p.16)



Figura 2 - Cantiga 10, sexta vinheta. Fonte: LEÃO (2007.p.1)

Parkinson (1998, p.179) afirma que as *CSM* constituem um monumento literário, musical e artístico da mais elevada importância.

É preciso salientar também que a maioria dos estudiosos das *CSM*, como Parkinson (1998), acredita que nem todas elas são de autoria exclusiva do rei, pois o valor artístico muito desigual das cantigas aponta para uma multiplicidade de autores. Contudo, como reflete Parkinson (1998, p.183), não é impossível que Dom Afonso X tenha composto algumas delas, sendo ele próprio um poeta e estando “empenhadíssimo na estruturação e na composição da obra” (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p.61).

Ângela Vaz Leão (2007, p.3) afirma que “D. Afonso, que é o principal trovador daquele scriptorium, ou para usar uma terminologia medieval, é o mestre daquela corporação de poetas, planeja, escreve ele próprio, supervisiona e revê a obra que levará o seu nome”.

A escolha de textos poéticos como *corpus* da pesquisa deve-se ao fato de que, por meio da análise das rimas, é possível obter pistas satisfatórias sobre a realização fônica de vogais e consoantes em momentos passados da língua, dos quais não se têm registros orais. Nesta pesquisa, optou-se por trabalhar com as cantigas religiosas (e não com as profanas), porque estudos revelam que as CSM, em termos de léxico e de rima, são mais ricas do que as cantigas profanas (cf. Leão, 2007, p. 152-153).

Como *corpus* de suporte, será considerada a edição de Mettmann (1986-1989) das *Cantigas de Santa Maria*. São quatro os códices contendo cantigas da coleção das CSM: dois deles pertencem à Biblioteca del Monasterio de El Escorial, na Espanha; o terceiro está conservado na Biblioteca Nacional de Madrid; e o último pertence à Biblioteca Nazionale Centrale de Florença, Itália. Estão disponíveis ao Grupo de Pesquisa no qual a autora desta monografia se insere os microfilmes desses quatro manuscritos, bem como as edições fac-similadas dos manuscritos de Toledo e do Escorial.

2.3- Formas métricas das *Cantigas de Santa Maria*

Segundo Parkinson (1998, p.187), normalmente se diz que a forma majoritária das CSM é o *zégel* ou *zadjal*, em que o refrão precede a estrofe inicial, e os versos finais da estrofe reproduzem (totalmente ou em parte) a métrica do refrão. O *zégel* está presente em mais de 380 cantigas na forma AA-bbba (AA), sendo AA o refrão inicial, *bbb* segunda rima ou *mudanza*, *a* o verso de volta (repetição da rima do refrão) e AA, repetição do refrão que seguramente dava nas interpretações cantadas das composições.

A respeito dessa forma estrófica, Leão (2007, p.137) reflete:

Após o refrão, vêm as quatro estrofes, cada uma constituída por um trístico monorrímo, seguido de um quarto verso que rima com o refrão, segundo o modelo do *zégel*, na sua estrutura mais simples, que coincide com a do *virelai* da poesia ocidental. Relembremos que essa estrutura poética se inicia por um refrão em forma de dístico monorrímo e prossegue com quadras compostas de três versos monorrímos que variam de uma estrofe para a outra (“mudança”), mais um quarto verso que retoma a rima do refrão (“volta”). O esquema seguido é, portanto, o seguinte: AA-bbba-AA-ccca-AA-ddda-AA, etc.

Além do *zéjel*, pode-se encontrar outras formas métricas como o *rondeau*, a canção e a estrofe de quatro versos.

Segundo W. Mettmann (1991, *apud* MONGELLI, 2009, p.287), “os 420 poemas oferecem mais de 280 combinações métricas distintas, das quais umas 170 aparecem apenas uma vez”. Lênia Márcia Mongelli (2009, p. 287) afirma que “os muitos torneios sintáticos e a presença maciça de hipérbatos, anástrofes, anacolutos e outros tipos de inversão lembram que os textos foram feitos para serem cantados, sendo o repertório afonsino um dos mais esplêndidos documentos musicográficos da Idade Média”.

2.4- Sílabas, Rima, Coda

O conceito de sílaba é, segundo Freitas e Santos (2001), em *Contar (histórias de) sílabas: descrição e implicações para o Ensino do Português como Língua Materna*, o agrupamento de sons em torno de uma vogal. Segundo as autoras, a noção de sílaba é muito anterior às primeiras gramáticas do Português e encontra raízes na produção de textos de natureza gramatical greco-latinos, como afirma Fernão d’Oliveira (1536- 1871), na *Grammatica da Linguagem Portuguesa*.

As múltiplas definições de sílaba que surgem nos gramáticos antigos têm como denominador comum a ideia de que se trata de uma unidade de organização rítmica da fala, constituída por um conjunto de sons com coesão interna. A concepção de sílaba como o resultado de um único movimento expiratório, de uma única emissão de voz, é recorrente na tradição gramatical. (FREITAS; SANTOS, 2001, p.21)

Quando pronunciamos uma palavra lentamente, não dividimos os sons, mas sim separamos as palavras em pequenos segmentos fônicos, como por exemplo, a palavra *felicidade*, não será pronunciada f-e-l-i-c-i-d-a-d-e, mas sim fe-li-ci-da-de. Dessa maneira, a cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração dá-se o nome de sílaba. São classificadas como sílabas abertas aquelas terminadas em vogal, como, por exemplo, as da palavra *li.vro*, e como sílabas fechadas as terminadas em consoante, como, por exemplo, as da palavra “pas.tas”.

A sílaba apresenta uma estrutura interna, cujos subconstituintes estabelecem uma estrutura hierárquica entre si e com os segmentos que os constituem; estes subconstituintes são domínio de aplicação de processos fonológicos. De acordo com o modelo “*Ataque-Rima*”, é definida como uma estrutura hierarquicamente organizada em constituintes silábicos, em que a sílaba se ramifica em *Ataque* e *Rima*, a *Rima* ramifica em *Núcleo* e *Coda*, sendo que o *núcleo* aloja as vogais e se constitui o pico silábico e a *coda* as consoantes da *rima*. Cagliari (2002) diz que somente os arquifonemas /S, N, L, R/ podem ocorrer nesta posição no português, porém, não há um consenso por parte dos pesquisadores das consoantes que preenchem a *coda* no português.

Para a realização do trabalho focalizamos a *coda*, que é o constituinte que abriga a consoante ou consoantes em posição pós-nuclear dentro de uma sílaba, ou seja, após a vogal nuclear. A *coda*, conjuntamente com o *núcleo*, se denomina *rima*. Não é totalmente necessária em uma sílaba. Alguns exemplos de codas: *n* em *pan*; *l* em *sal*; *s* em *rês*.

A *Rima* pode apresentar um *Núcleo* ou pode ramificar em *Núcleo* e *Coda*. O *Núcleo* é de preenchimento obrigatório e pode não ser ramificado (preenchido por um segmento) ou ramificado (preenchido por dois segmentos). A *Coda* não é de preenchimento obrigatório e, no Português, apresenta um só segmento.

2.5- Noções básicas de fonologia estruturalista

Cagliari (2002, p. 17) apresenta as noções básicas de fonética e fonologia, que são áreas da Linguística que estudam os sons das línguas. A Fonética preocupa-se em descrever os sons da fala, dizendo quais mecanismos e processos de produção da fala estão envolvidos em um determinado segmento da cadeia sonora da fala. A Fonologia faz uma interpretação dos resultados apresentados pela fonética, em função dos sistemas de sons das línguas e dos modelos teóricos que existem para descrevê-lo. A análise fonológica baseia-se no valor dos sons dentro de uma língua, ou seja, na função lingüística que eles desempenham nos sistemas de sons das línguas. A Fonética descreve o que acontece quando um falante fala, a Fonologia almeja a descrição da organização sistemática global dos sons da língua desse falante.

Segundo o autor,

Dados e contextos são inseparáveis e imprescindíveis em toda a descrição fonêmica. A abordagem estruturalista parte sempre do particular para o geral, do fato para o sistema, da

realidade fonética para a interpretação fonológica. Portanto, aplica um processo progressivo de abstração e de generalização. O ponto de partida é sempre muito claro e facilmente identificável (por causa da Fonética), mas o ponto de chegada depende muito do arrojo do fonólogo. (CAGLIARI, 2002, p. 20)

Toda reflexão fonológica, seja essa de que tipo for, baseia-se sempre em dados e fatos obtidos através de uma cuidadosa análise fonética.

Abaixo seguem, sucintamente, considerações metodológicas e técnicas que servem para fazer uma análise fonológica básica. As definições transcritas abaixo baseiam-se em Cagliari (2002).

Par mínimo: são duas palavras que têm um ambiente em comum e uma diferença, representada pela troca de um único som por outro, em um mesmo lugar da cadeia-da-fala, como, por exemplo, *mala* e *bala*, que são pares mínimos, pois são dois itens segmentais idênticos que se diferenciam em apenas um segmento.

Oposição: O som pode estar em oposição fonológica com outro num determinado contexto (ponto de um sintagma caracterizado pelo que vem antes e depois do som em análise), mas num outro contexto, tal oposição pode não se realizar.

Cada contexto tem sua estrutura e o que acontece num caso não precisa acontecer do mesmo modo em outros. Por exemplo, há oposição fonológica no Português entre [s] e [z], quando ocorrem entre vogais, como em *caça* e *casa*. Porém, em final de palavras, diante de pausa, só ocorre o [s] e nunca o [z], como se pode observar em palavras como *fiz*, *paz*, *vês*, *avôs*, *todos*, *eles*, etc. (CAGLIARI, 2002, p.25)

Neutralização: Dois sons foneticamente semelhantes ocorrem em oposição fonológica em certos contextos, mas não estão em oposição fonológica em outros contextos, ou seja, a oposição fonológica que ocorre num contexto se neutraliza (deixa de acontecer) em outro contexto.

Algumas razões para a neutralização de uma oposição fonológica são: a não ocorrência de um dos membros do par de fonemas; a ocorrência complementar deles, caso em que um fonema ocorre num contexto e o outro em outro tipo de contexto; ocorrência de variação livre, envolvendo os sons em questão. (CAGLIARI, 2002, p. 46)

Por exemplo, no Português, os SFS (Sons Foneticamente Semelhantes) [s] e [z] são dois fonemas /s/ e /z/, quando ocorrem em início de sílaba, como em contexto #__V, em que temos **selo**, **zelo**, e em contexto V__V, em que temos *caça*, *casa*, mas neutralizam-se, quando em final de sílaba, quando, em contexto V__+C, temos *deste*, *desde*, e, em contexto V__#, temos *paz*, *pés*.

Em início de sílaba, [s] e [z] são encontrados em pares mínimos e são, portanto, fonemas /s/ e /z/. Em final de sílaba, que é também final de palavra diante de silêncio, ocorre somente o [s] e nunca o [z]. Neste caso, a oposição fica neutralizada, e o fonema que ocorre é o /s/. Em final de sílaba em meio de palavra, diante de consoante, observa-se que o [s] ocorre somente diante de consoantes surdas e o [z], somente diante de consoantes sonoras. Estamos, portanto, diante de uma espécie de ocorrência complementar de fonemas. Neste caso, há uma neutralização da oposição (não há ambiente comum em que contrastem) e a representação fonológica pode ser marcada pelos fonemas /s/ e /z/, cada qual ocorrendo nos seus devidos lugares. Uma outra solução é a representação da neutralização por um arquifonema. (CAGLIARI, 2002,p.47)

Arquifonema: O Arquifonema representa a neutralização da oposição de dois fonemas já estabelecidos em outros contextos. Por exemplo, o Arquifonema /S/, [s] /__C surda e [z] /__C sonora.

As definições apresentadas acima servirão de base à análise apresentada na seção 3, que procura verificar, a partir da escrita remanescente da época trovadoresca, se podem ou não ser encontrados indícios de que naquela época já se verificava a situação de neutralização entre as consoantes fricativas de coda, que pode ser percebida no Português Brasileiro atual.

2.6- As fricativas no sistema consonantal do Português Brasileiro atual

O português brasileiro possui 19 consoantes na posição de ataque silábico, como poderemos ver mais adiante, e 4 consoantes com *status* arquifonêmico, na posição de Coda. Em *Estrutura da Língua Portuguesa*, Mattoso Câmara (1982, p. 47) afirma que é preciso considerar a posição mais favorável ao desdobramento de todo o elenco de consoantes. Segundo o autor, essa posição é a primeira consoante antes da vogal da sílaba, podendo ser intervocálica, separando duas sílabas, ou não-vocálicas, quer em início de vocábulo, quer medial, depois de outra consoante da sílaba precedente.

As consoantes intervocálicas, em português, apresentam uma articulação um tanto enfraquecida pelo ambiente vocálico em cujo meio se acham. São por isso alofones posicionais das não- intervocálicas correspondentes de articulação muito mais firme. Em compensação, certas consoantes faltam em posição não- intervocálica /r/ brando e /l/ e /n/ palatais, ou «molhados», que, em posição intervocálica, figuram por exemplo, *aro*, *alho*, *anho*. Podemos dizer que em posição não- intervocálica há uma neutralização das oposições entre /r/ forte e /r/ brando, entre líquida dental /l/ e líquida palatal ou molhada, /l/, e entre nasal dental /n/ e nasal palatal, ou molhada, /n/, em proveito do primeiro membro de cada par. Há, apenas, exemplo, de um ou outro vocábulo de /l/ e /n/ palatais, ou molhados (de origem estrangeira), em posição inicial, como *lhama* «animal», oposto a *lama*, ou *nhata* oposto a *nata*. Mas não há nenhum /r/ brando inicial e nenhuma das três consoantes se apresentam como mediais não- intervocálicas. (CÂMARA, JR., 1982, p.48)

Portanto, da posição intervocálica, Câmara Jr. (1982, p.48) afirma que obtemos 19 fonemas consonânticos portugueses, assinalados por numerosas séries opositivas, como vemos a seguir:¹

(1)

/p/ : /b/ : roupa: rouba;
 /t/ : /d/ : rota: roda;
 /k/ : /g/ : roca: roga;
 /f/ : /v/ : mofo: movo;
 /s/ : /z/ : aço: azo;
 /s'/ : /z'/ : acho: ajo;
 /m/ : /n/ : /n,/ : amo: ano: anho;
 /l/ : /l,/ : mala: malha;

¹ No padrão de Câmara Jr. (1982), os símbolos /s', z', l, r'/ correspondem a, respectivamente, no padrão do IPA a /ʃ, ʒ, ʎ, ʀ/.

/r/ : /r'/ : erra: era

Para as oposições distintivas, Câmara Jr. (1982, p.48) escolheu a distribuição usual das consoantes, como as oclusivas, constrictivas, nasais, laterais e vibrantes. Nas oclusivas e constrictivas, opõem-se as consoantes surdas (quando não há vibração das cordas vocais) às consoantes sonoras (quando há essa vibração).

As constrictivas se enriqueceram e passaram a constituir uma série fonologicamente análoga à oclusiva: três pares de surda e sonora, que podemos considerar respectivamente labial, anterior e sonora, embora os pontos de articulação não coincidam com os pares oclusivos: as labiais são labiodentais (/f/ - /v/); as anteriores são alveolares (coarticulação da zona anterior da língua, abaixada para a arcada dental inferior, com os alvéolos da arcada dentária superior): (/s/- /z/; as posteriores correspondem a consoantes articuladas no médio-palato pela zona média da língua, enquanto a ponta avança para os dentes superiores (/ʃ/- /ʒ/). (CÂMARA JR., 1975, p.49)

À nasal anterior se acrescentou uma consoante que podemos chamar de posterior, num efeito acústico de chiamento, que imprime à consoante um som simultâneo de /ɲ/ (/ɲ/). Uma consoante análoga passou a existir ao lado de /l/ (/l/) (CÂMARA JR., 1975, p.51).²

Apenas as vibrantes apresentam uma peculiaridade, como afirma Câmara Jr. (1977, p.78), pois operam unicamente em posição inicial ou medial não- intervocálica.

O /r/ forte aparece isoladamente em posição inicial ou medial não- intervocálica. Em posição pós-vocálica, há uma “cumulação”, nos termos de Bröndal, entre a vibrante forte e a vibrante branda, sem que o debordamento crie oposição. Ao contrário, em oposição intervocálica há a oposição do tipo: ferre: fere, erra: era, mirra: mira, para: pára, forro: foro, murro: muro. (CÂMARA JR., 1977, p.78)

² Os símbolos /ɲ/ e /l/, adotados por Câmara Jr. (1975), correspondem, no padrão do IPA, a /ɲ/ e /ʎ/, respectivamente.)

Tudo isso nos dá, como diz Câmara Jr. (1982, p.50), um quadro das 19 consoantes portuguesas em grupos triangulares como foi proposto, separando as plosivas das fricativas e as surdas das sonoras:

(2) /p/ /b/ /f/ /v/ /m/
 /t/ /d/ /s/ /z/ /n/ /l/ /r'/
 /k/ /g/ /s'/ /z'/ /n,/ /l,/ /r/

Câmara Jr. (1977, p.73) afirma ainda que a consoante, como elemento que se combina à vogal silábica, pode ser pré-vocálica ou pós-vocálica. Esta diversidade de posição na sílaba corresponde a uma diferença articulatória: na consoante pré-vocálica domina a fase articulatória final, em que se desfaz uma obstrução e é superado o impedimento bucal à passagem da corrente de ar; na consoante pós-vocálica, ao contrário, a articulação concentra-se na fase de cerramento, e o abrimento bucal que produziu a vogal silábica, se reduz, sem solução de continuidade, para criar o elemento consonântico de travamento silábico.

Na posição pré-vocálica, é preciso distinguir a consoante em meio de vocábulo, quando ela fica entre vogais. Silva (2005, p.155) diz que em posição pré-vocálica podemos ter uma ou duas consoantes em português. A autora apresenta os seguintes tipos de sílabas: C1V ~ C1VV³, quando temos apenas uma consoante precedendo o núcleo, ou C1C2V ~ C1C2VV', quando temos duas consoantes precedendo o núcleo. Como exemplos que ilustram consoantes pré-vocálicas em estruturas C1V ~ C1VV', tem-se: a consoante pré-vocálica /s/ em início de palavra CV: /s/aço, e em CVV': /s/ei; em meio de palavra: a/s/a, e em CVV': pa/s/eio; a consoante /z/ aparece em início de sílaba CV: /z/ero, e CVV': /z/eus; e, em meio de palavra, em CV: a/z/a, e em CVV': ca/z/ei.

As quatro consoantes portuguesas em posição posvocálica são: /S/; /N/; /l/ e /r/, as quais são arquifonemas.

3- Consoantes fricativas do Português Arcaico

³ As abreviações utilizadas correspondem a: V: vogal, C: consoante

O fato de escolher as fricativas sibilantes como tema deste trabalho dá-se primeiramente pela grande produtividade no *corpus* das *Cantigas de Santa Maria* e, além disso, pelo fato de haver controvérsias quanto à consideração da oposição entre fricativas entre os autores que vêm estudando o assunto.

Diversos autores classificam as consoantes fricativas sibilantes do PA de maneiras diferentes: Paul Teyssier (1987), dentro da fonética e da fonologia do galego-português, considera o seguinte sistema para as consoantes constritivas: /f/: *fazer*; /v/ *vida*, *aver*; /ts/ (escrito ç e c diante de e e i): *çapato*, *paaço*, *cinta*, *cen*; /dz/ (escrito z): *fazer*, *zarelhon* (tecido grosseiro); /s/ (escrito ss em posição intervocálica, e s nas outras situações): *posso saber*, *vós*; /z/ (escrito s e usado somente em posição intervocálica): *casa*. Já Mattos e Silva (1989, p.82) classifica as consoantes fricativas em duas: a primeira, a consoante ʃ como pré-dorso dental surda, tendo como grafema correspondente ç, c, z, como aparece nas palavras *pareceu*, *coraçon*, *corazon*; a segunda, a consoante ʒ, como consoantes fricativas como pré-dorso dental sonora, como nos exemplos; *fazia*, *juizo*, *sazon*, *razon*, *zarello*.

Elsa Gonçalves (1985, p.103-104) classifica as fricativas /ʃ/ e /ʒ/ como as apicoalveolares, como o caso do s beirão ou castelhano (que não devem confundir-se com as modernas /s/ e /z/ predorsodentais, resultantes ulteriores das africadas /ts/ e /dz/ e as palatais /ʃ/ e /ʒ/). As fricativas sibilantes S-, -SS- e -S, precedidas de consoantes, ficam apenas com som de /s/, como em “sapere”> “saber”, “fossatu”> “fossado”; “pensare”> “pesar”; “adversu”> “avesso”. E a fricativa -S- com som de /z/, como em “desidiu”> “desejo” e “ausare”> “ousar”.

Pinheiro (2004), em sua dissertação de mestrado, afirma que os grafemas <s>, <ss>, <c>, <ç>, <x> e <z> aparecem em posição de *onset* simples, sendo que <s> geralmente está em início de palavras e com som de /s/, como em “secastes” e “sabe”, e no meio de palavras este mesmo grafema aparece com som de /z/, como em “guisar”.

A autora afirma ainda que os grafemas <ç> e <c>, com realização /s/ ou /ts/, aparecem sempre em posição de *onset* simples, como pode ser verificado nos exemplos *coraçon*, *naçi* e *cedo*. Já o grafema <ss> aparece predominantemente em posição de *onset* simples em meio de palavras, como em *consselho*, mas algumas vezes aparece em início, como em *sse*. “O som /z/, em posição de *onset*, aparece representado ora pelo grafema <s>, como em *guisa*, ora por <z>, como no exemplo *dizer*” (PINHEIRO, 2004, p. 69).

Os grafemas <s>, <z> e <x> aparecem em posição de *coda* simples, todos com a representação sonora de /S/, por exemplo: *ondas*, *fez* e *fax*. Justamente por haver neutralização entre os fonemas /s/ e /z/ na posição de *coda*, não há certeza quanto à atualização fonética dos grafemas <z>, <s> e <x> nessa posição. Pode-se, por esse motivo, representá-los através do arquifonema /S/. (PINHEIRO, 2004, p.69 e 70)

Clarinda de Azevedo Maia (1997), em seu livro *História do Galego-Português*, diz que o sistema consonântico galego-português, na sua face mais antiga, dispunha de duas africadas pré-dorso-alveolares, uma surda e outra, sonora, /ʃ/ e /ʒ/, e de duas fricativas ápico-alveolares, /s/ e /z/.

desde cedo as africadas pré-dorso-alveolares se transformaram, por perda do momento oclusivo inicial, em fricativas pré-dorso- alveolares, surda e sonora. Daí resultou uma etapa intermédia, comum a todo o domínio linguístico ibero- românico, com dois pares de sibilantes fricativas: um de pré-dorsais (/s/ e /z/) e outro de apicais (/ʃ/ e /ʒ/). A grafia dos textos estudados, em princípio, distingue claramente entre a transcrição das sibilantes e das apicais. (MAIA, 1997, P.438)

Segundo a autora, são vários os processos gráficos usados em documentos no século XIII, nas quatro províncias galegas, e um dos grafemas utilizados, quer em posição intervocálica, quer em início de sílaba precedido de sílaba entravada, quer no início de palavra, é <z>. Alguns exemplos: *fazam* “façam”, *conoſzemos* “conhecemos”, *rouorazõ* “roboração, ratificação”, *conoſzuda*, *pertinzaf* “pertenças”.

O emprego do grafema z é, portanto, um dos processos gráficos para transcrever o fonema africado pré-dorsal surdo no período mais antigo, não ultrapassando, no que se refere a textos romances, o século XIII. Neste século [...] o grafema z tanto podia representar a africana pré-dorsal surda como a sonora. Uma distinção gráfica completamente generalizada entre os dois fonemas se encontra, no que se refere aos documentos da Galiza, desde os últimos anos do séc. XIII e princípios do século XIV. (MAIA, 1997, P.440)

Sílvio de Almeida Toledo Neto (1996), em sua dissertação de mestrado, apresenta os tipos de variação que ocorrem entre os grafemas <c>/ <ç>/ <s> em posição inicial absoluta, como em *cego*; *çego*; *çegar*; *seguo*; *seguos*. Em seguida, apresenta tabelas de palavras que

apresentam os tipos de variação entre os grafemas <c>/ <ç>/ <s>/ <z> e um quadro com palavras como *acender*; *açesa*; *açeso*; *açesos*; *acesa*; *acesas*, além de uma tabela, que apresenta a variação entre os grafemas <ç>/ <c> em posição média inicial. Por fim, Toledo Neto apresenta a distribuição das frequências dos grafemas <c>, <ç>, <s> e <z>, representantes da fricativa predorsodental surda /s/, segundo a posição em que ocorrem no vocábulo.

Portanto, podemos observar que o sistema consonantal do PA, especificamente no que concerne às fricativas, difere na visão de cada autor e, para a abordagem inicial dos dados, para estabelecer se há ou não oposição entre os sons representados pelos grafemas focalizados, a análise será tomada a partir do modelo estruturalista (CAGLIARI, 2002).

4- As fricativas nas Cantigas religiosas

O quadro abaixo foi feito a partir do *Rimario e Lessico in Rima delle Cantigas de Santa Maria di Alfonso X di Castiglia*, de Maria Pia Betti (1997), e focaliza todas as palavras que possuem consoantes fricativas na posição de coda silábica que aparecem em posição de rima nas CSM.

Rimas grafadas com S		Rimas grafadas com X		Rimas grafadas com Z	
ADAS- p.23 74 palavras terminadas em ADAS		Não foi encontrada nenhuma palavra com rimas grafadas em X		EZ- p.189 253 palavras terminadas em EZ	
ADOS- pg38 238 palavras terminadas em ADOS				IZ (IX)- p. 246 77 palavras terminadas em IZ(IX)	
AES- p. 42 28 palavras terminas em AES				OZ- p. 295 11 palavras terminadas em OZ	
AGRES- p.43 1 palavra terminada				UZ- p. 307	

em AGRES			62 palavras terminadas em UZ	
AIS (AYS)- p.43 2 palavras terminadas em AIS (AYS)			AZ- p. 104 274 palavras terminadas em AZ	
ALLAS- p.53 7 palavras terminadas em ALLAS				
AMOS- p.54 71 palavras terminadas em AMOS				
ANDAS- p. 60 4 palavras terminadas em ANDAS				
ANNAS- p.64 6 palavras terminadas em ANNAS				
ANOS (ÂOS)- p.66 89 palavras terminadas em ANOS (ÂOS)				
ANTOS- p.69 20 palavras terminadas em ANTOS				
ARDES- p. 89 12 palavras terminadas em ARDES				
ARES- p. 89 40 palavras terminadas em ARES				

ARTES (ARTHES)- p.93 6 palavras terminadas em ARTES(ARTHES)				
AS- p.93 71 palavras terminadas em AS				
ASTES- p.98 7 palavras terminadas em ASTES				
AVAS- p.104 3 palavras terminadas em AVAS				
EAS- p.109 12 palavras terminadas em EAS				
ÊAS- p.110 3 palavras terminadas em ÊAS				
ECES- p.111 13 palavras terminadas em ECES				
EDES- p.111 36 palavras terminadas em EDES				
ÊES- p.113 6 palavras terminadas em ÊES				
EIRAS- p.121				

32 palavras terminadas em EIRAS				
EIROS- p.123 48 palavras terminadas em EIROS				
EIS- p.124 3 palavras terminadas em EIS				
EITOS- p.126 11 palavras terminadas em EITOS				
EJAS- p. 128 3 palavras terminadas em EJAS				
ELAS- p.130 3 palavras terminadas em ELAS				
ELLAS- p.130 3 palavras terminadas em ELLAS				
ELOS- p.131 3 palavras terminadas em ELOS				
EMOS- p.132 96 palavras terminadas em EMOS				

ENTAS- p.144 4 palavras terminadas em ENTAS				
ENTES- p.146 38 palavras terminadas em ENTES				
ENTOS- p.148 23 palavras terminadas em ENTOS				
ERDES- p.169 12 palavras terminadas em ERDES				
ERES- p.169 11 palavras terminadas em ERES				
ERMOS- p.170 3 palavras terminadas em ERMOS				
ES- p.174 57 palavras terminadas em ES				
ESTES- p.178 6 palavras terminadas em ESTES				
EUS (EOS)- p.184 312 palavras terminadas em EUS				

(EOS)				
EZAS- p.193 19 palavras terminadas em EZAS				
IAS- p.215 57 palavras terminadas em IAS				
IDAS- p.219 3 palavras terminadas em IDAS				
IDOS- p.221 6 palavras terminadas em IDOS				
IGOS- p.222 3 palavras terminadas em IGOS				
ILLAS- p.224 10 palavras terminadas em ILLAS				
INNAS (ÎAS)- p.228 9 palavras terminadas em INNAS (ÎAS)				
INNOS (ÎOS)- p.229 24 palavras terminadas em INNOS (ÎOS)				
IS- p.238 59 palavras				

terminadas em IS					
ISAS- p.239 2 palavras terminadas em ISAS					
ISTES- p.240 7 palavras terminadas em ISTES					
ITOS- p.242 5 palavras terminadas em ITOS					
ÔAS- p.247 2 palavras terminadas em ÔAS					
OBRES- p.247 3 palavras terminadas em OBRES					
OÇES (OCES)-p.248 3 palavras terminadas em OÇES (OCES)					
ÔES- p.248 118 palavras terminadas em ÔES					
OITAS- p.250 3 palavras terminadas em OITAS					
OLLOS- p.251 10 palavras terminadas em OLLOS					

ONDAS-p.261 2 palavras terminadas em ONDAS				
ONTES- p.263 2 palavras terminadas em ONTES				
OOS- p.263 3 palavras terminadas em OOS				
ORES- p.273 161 palavras terminadas em ORES				
ORTOS- p.277 6 palavras terminadas em ORTOS				
OS- p.277 4 palavras terminadas em OS				
OSOS- p.284 70 palavras terminadas em OSOS				
OUROS- p.294 22 palavras terminadas em OUROS				
OUS- p.294 2 palavras terminadas em OUS				
OZES- p.295				

2 palavras terminadas em OZES				
UDAS- p.297 25 palavras terminadas em UDAS				
UDOS- p.301 35 palavras terminadas em UDOS				
UITAS- p.302 4 palavras terminadas em UITAS				
URAS- p.306 13 palavras terminadas em URAS				
US- p.306 3 palavras terminadas em US				

4.1 Análise dos resultados

Podemos identificar, ao analisar o quadro abaixo, feita a partir da coleta de dados do *Rimario e Lessico in Rima delle Cantigas de Santa Maria di Alfonso X di Castiglia*, de Maria Pia Betti (1997), a qual focaliza todas as palavras que possuem consoantes fricativas na posição de coda silábica que aparecem em posição de rima nas CSM, rimas grafadas com <s>, rimas grafadas com <x> e rimas grafadas com <z>. Pode-se perceber que não há oposição entre os sons representados por esses grafemas, pois não há pares mínimos que indiquem oposição.

	Posição tônica	Posição átona
--	-----------------------	----------------------

-ES- 57 palavras terminadas em ES	53 (93%)	4 (7%)
-EZ-253 palavras terminadas em EZ	253 (100%)	0
-EX-	0	0
Subtotal	96.5%	3.5%

Quadro 1. Palavras que possuem consoantes fricativas na posição de coda silábica que aparecem em posição de rima nas CSM (dados retirados do *Rimario e Lessico in Rima delle Cantigas de Santa Maria di Alfonso X di Castiglia*, de Maria Pia Betti, 1997)

Podemos observar que ocorre oposição em início de sílaba, como, por exemplo, na CSM 76, verso 33, em que temos “leda e mui risonna”, e na CSM 77, verso 43, “foi; e, come quen sonna”, as palavras *risonna* e *sonna* mostram na posição de rima uma oposição fonológica entre [s] e [z]. Na posição de coda, essa oposição desaparece; por exemplo, na vigésima terceira estrofe da CSM 57, aparecem os seguintes versos: “E pois que os ladrões / ant’o altar trouxeron, / por eles orações / e pregairas fezeron”. Neste exemplo, encontram-se na posição focalizada, finalizadas por grafemas representativos de consoantes fricativas, as palavras *ladrões* e *orações*.

No livro *Análise Fonológica* (CAGLIARI, 2002, p.46-48), o autor diz que, em relação à distribuição dos fonemas, podemos notar que dois sons foneticamente semelhantes ocorrem em oposição fonológica em certos contextos, mas não estão em oposição fonológica em outros contextos. Ou seja, a oposição fonológica que ocorre num contexto se neutraliza em outro contexto.

Algumas razões para a neutralização de uma oposição fonológica são: a não ocorrência de um dos membros do par de fonemas; a ocorrência complementar deles, caso em que um fonema ocorre num contexto e o outro em outro tipo de contexto; ocorrência de variação livre, envolvendo os sons em questão. (CAGLIARI, 2002).

Assim, [s] e [z], no início da sílaba, são encontrados em pares mínimos que apontam para o valor distintivo desses fones no sistema do PA; portanto, são fonemas /s/ e /z/. Em comparação, com relação aos grafemas usualmente representativos dos fones [s] e [z] no PA, no final de sílaba, a oposição /s/ e /z/ não existe, uma vez que não é possível encontrar pares mínimos que indiquem a distintividade dos sons representados graficamente por <s> e <z> nesse contexto. Por outro lado, não foi também possível encontrar pares mínimos indicativos de que houvesse uma situação de variação livre entre os fones fricativos em PA nesse contexto silábico – o que seria verdadeiro se pudessem ter sido encontrados exemplos de uma e mesma palavra grafada ora com grafema <s>, ora com grafema <z>. Apesar de não terem sido ainda encontrados fatos desse tipo no *corpus* considerado, os dados apresentados na tabela 1 são muito mais compatíveis com uma situação de neutralização entre as fricativas vozeadas e desvozeadas no contexto de coda no PA, do que à sua oposição.

5- Conclusão

As leituras realizadas e os resultados expostos servem para comprovar que as CSM são uma das fontes mais ricas do galego-português (Cf. Mettmann 1986; Parkinson, 1998; Leão, 2002). Segundo Mattos e Silva (2006, p.32), a documentação lírica fornecida pelo conjunto galego-português é riquíssima e seus dados são de extrema importância para o conhecimento do léxico e de outros aspectos da língua.

A monografia enfocou principalmente as fricativas em posição de coda silábica. Por meio das leituras, da coleta e da análise dos dados, podemos concluir que o segmento representado pelos grafemas <s>, <x> e <z> em posição de travamento silábico corresponde muito provavelmente a um arquifonema fricativo, ou seja, a um som especificado apenas com o traço fricativo, sem especificação necessária ao traço vozeamento, porque, apesar de haver a certeza de que se trata de um segmento fricativo, não é possível saber com certeza qual a sua realização fonética exata, neste contexto, dada a ausência de variação dos grafemas focalizados nos mesmos dados ou de evidências de oposição. O arquifonema representa a neutralização de uma oposição fonológica estabelecida em outros contextos, ou seja, a oposição fonológica que ocorre num contexto se neutraliza em outro contexto.

Referências Bibliográficas

BETTI, Maria Pia. *Rimario e Lessico in Rima delle Cantigas de Santa Maria di Alfonso X di Castiglia*. Pacini Editore, 1997.

CAMARA, Jr, J.M. (1979). *Estrutura da Língua Portuguesa*. 12ª edição. Petrópolis: Vozes, 1982.

CÂMARA Jr., J. M. (1985) *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 4ª edição: Rio de Janeiro: Padrão. 1ª edição brasileira: 1975.

CAGLIARI, L. *Análise Fonológica: Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 17- 53.

FREITAS, M.; SANTOS, A. Contar (histórias de) sílabas: descrição e implicações para o Ensino do Português como Língua Materna. In: XXX. *Cadernos de língua portuguesa 2*. Lisboa: Edições Colibri. 2001. p.15–55.

GONÇALVES, E.; RAMOS, M.A. *A Lírica Galego- Portuguesa (Textos Escolhidos)*. 2ª edição. Lisboa: J. A. Rosado Flores, p. 13- 125, 1985

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente*. São Paulo: Contexto, 2007.

MAIA, C. (1997) *História do Galego-Português*. 2ª edição. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta de Investigação Científica e Tecnológica. (Reimpressão da edição do INIC – 1986).

MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. Tese (Livre docência em Lingüística). Faculdade de Ciências e Letras-UNESP, Araraquara, 2005.

MASSINI-CAGLIARI, G. Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X como corpus da diacronia do Português. in Murakawa, Clotilde de Almeida Azevedo & Maria Filomena Gonçalves (orgs.) *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. Araraquara: Laboratório Editorial da FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007a. p. 101-126

MATTOS E SILVA, R. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

METTMANN, W (ed.) Affonso X e el Sabio. *Cantigas de Santa Maria* (Cantiga 1 a 100). Madrid: Castalia, 1986 (Volume I).

MONGELLI, L.M. *Fremosos cantares: (antologia da lírica medieval galego- portuguesa)*. São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MONTEIRO DE CASTRO, Bernardo. *As Cantigas de Santa Maria: um estilo gótico na lírica ibérica medieval*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2006.

LEÃO, Â. *Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

PARKINSON, S. As Cantigas de Santa Maria: estado das cuestións textuais. In: *Anuário de Estudios Literarios Galegos*, Vigo, 1998. p. 179-196.

PINHEIRO, M.H.D. *O sistema consonantal do português arcaico visto através das cantigas profanas*. 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística)- FCL/ UNESP, Araraquara, 2004.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 3. ed. portuguesa. Lisboa: Sá da Costa 1987.

TOLEDO NETO, S. De A. *Variação Grafemática Consonantal no Livro de José de Arimatéia (Cód.ANTT 643)*. 1996. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa – USP, FFLCH, São Paulo, 1996.

Bibliografia de apoio

<http://www.scribd.com/doc/24402087/4-Cantigas-de-Santa-Maria>, acessado em 04 de agosto de 2010.

<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/6165/5720>, acessado em 17 de agosto de 2010.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300005, acessado em 17 de agosto de 2010.